

Maria do Monte Serrat: tessituras de vida e formação educacional¹

Joelma da Silva Trindade

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França

Universidade do Estado do Pará (Brasil)

Resumo

Este artigo analisa a história de vida e formação educacional de Maria de Monte Serrat, articulando a educação escolar e os saberes do cotidiano presentes em sua obra autobiográfica. Trata-se de uma pesquisa documental que utiliza a obra “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” para reconstituir os modos de ser, viver, fazer e resistir de Maria do Monte Serrat. Tem como referencial teórico Michel de Certeau (2014), Foucault (2004), Ginzburg (1989) e Perrot (2019). O estudo evidencia que a formação educacional de Monte Serrat expressa tanto o peso das prescrições sociais orientadas para o matrimônio e a maternidade quanto as formas de resistência que lhe possibilitaram ultrapassar esse modelo. Sua formação docente lhe garantiu uma certa independência, mesmo em um contexto em que a função social da mulher permanecia atrelada à vida doméstica.

Palavras-Chave: Maria de Monte Serrat. Experiências de vida e formação. História da educação de mulheres. Mulheres intelectuais.

Maria do Monte Serrat: life stories and educational background

Abstract

This article analyzes the life story and educational background of Maria de Monte Serrat, articulating school education and everyday knowledge present in her autobiographical work. It is a documentary research that uses the book “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” (The mother of stubbornness: the desire to be) to reconstruct Maria de Monte Serrat's ways of being, living, doing, and resisting. Its theoretical framework is based on Michel de Certeau (2014), Foucault (2004), Ginzburg (1989), and Perrot (2019). The study reveals that

Monte Serrat's educational background expresses both the weight of social prescriptions oriented towards marriage and motherhood and the forms of resistance that enabled her to overcome this model. Her teaching formation guaranteed her a certain independence, even in a context where the social role of women remained tied to domestic life.

Keywords: Maria de Monte Serrat. Life experiences and education. History of women's education. Intellectual women.

Maria do Monte Serrat: historias de vida y formación académica

Resumen

2 Este artículo analiza la historia de vida y la formación académica de Maria de Monte Serrat, articulando la educación escolar y los saberes cotidianos presentes en su obra autobiográfica. Se trata de una investigación documental que utiliza la obra "A mãe-da-teimosia: o desejo de ser" (La madre de la terquedad: el deseo de ser) para reconstruir las formas de ser, vivir, actuar y resistir de Maria de Monte Serrat. Tiene como referencia teórica a Michel de Certeau (2014), Foucault (2004), Ginzburg (1989) y Perrot (2019). El estudio pone de manifiesto que la formación académica de Monte Serrat expresa tanto el peso de las prescripciones sociales orientadas al matrimonio y la maternidad como las formas de resistencia que le permitieron superar ese modelo. Su formación docente le garantizó cierta independencia, incluso en un contexto en el que la función social de la mujer seguía ligada a la vida doméstica.

Palabras clave: Maria de Monte Serrat. Experiencias de vida y formación. Historia de la educación de las mujeres. Mujeres intelectuales.

Introdução

Este artigo abre espaço para a partilha da autobiografia de Maria do Monte Serrat Carvalho Quaresma, mulher negra, professora e intelectual, natural de Abaetetuba, município localizado na Região Norte do Brasil, estado do Pará, na microrregião do Baixo Tocantins, na margem direita da foz do Rio Tocantins. Esse município é caracterizado por um amplo sistema

fluvial, com diversas ilhas interligadas por furos e igarapés, que, somadas ao espaço da cidade, representam a diversidade cultural e ambiental típica das regiões amazônicas.

O objetivo do artigo é analisar a trajetória de vida e formação educacional de Monte Serrat, articulando a educação escolar e os saberes do cotidiano presentes em sua obra autobiográfica. Monte Serrat publicou mais de 16 livros, dos quais localizamos nove: “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” (2012); “Uma luz na Amazônia” (s/d); “Do meio do povo nossa história em lições de vida” (2005), dentre outros.

Porém, neste estudo, concentramos nossas análises na obra “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” publicada em 2012, por se tratar de uma escrita autobiográfica que nos permite compreender quem foi Monte Serrat. A sua autobiografia vai além de uma narrativa de um fato histórico, expressa representações de sujeitos histórico-culturais e de suas realidades criadas e recriadas ao longo do tempo.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho documental que utiliza a literatura autobiográfica como fonte para representar a realidade social e educacional de Monte Serrat. A literatura como fonte histórica permite ao pesquisador reconstituir sentimentos, valores, medos, desejos, angústias, sonhos, vivências e experiências de uma época. Ela é marcada pelas representações de quem a escreve sobre si próprio e sobre o mundo. Há que se considerar nesse processo que o texto literário aborda a “[...] realidade do imaginário de um determinado tempo, deste real construído pela percepção dos homens, e que toma o lugar do real concreto” (Pesavento, 2003, p. 40). A literatura pode nos dizer muito mais do que outros registros do passado, quando desejamos captar o invisível e o imperceptível.

Temos, como referencial teórico, autores como Michel de Certeau (2014), que aborda a invenção do cotidiano; Foucault (2004), que trata da escrita de si; Ginzburg (1989), que propõe o paradigma indiciário; e Perrot (2019), que analisa o papel e a invisibilidade das mulheres na história, entre outros.

O artigo compreende duas seções. Na primeira, “A escrita de si como lugar de memória e formação: autobiografia de Monte Serrat”, abordamos a materialidade da obra, “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” e os

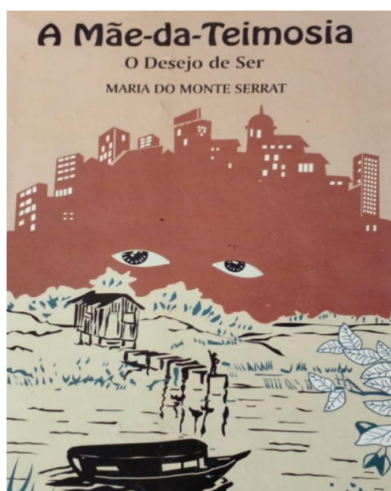
traços biográficos da escritora Maria do Monte Serrat Carvalho Quaresma, que será referida neste estudo por Monte Serrat, nome pelo qual era conhecida pela sociedade abagetubense. Na segunda seção, “Experiências formativas de Monte Serrat: saberes da experiência e saberes escolares”, focalizamos na educação de Monte Serrat em múltiplos espaços educativos – como a escola, a família, o rio e a mata – evidenciando saberes ambientais, religiosos, lúdicos e mitopoéticos.

A escrita de si como lugar de memória e formação: autobiografia de Monte Serrat

A obra “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” caracteriza-se como a primeira obra publicada por Monte Serrat. Para fins deste estudo, utilizamos a segunda edição da obra² publicada em 2012, em Belém do Para³. A imagem a seguir apresenta a capa da referida publicação:

4

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: Acervo da pesquisa.

A obra é constituída por 228 páginas que se somam à capa e contracapa formando um conjunto de representações que traduzem o cotidiano

de Monte Serrat desde a sua infância, inclusive, com destaque para as suas experiências familiares e educacionais, perpassando por seus afetos, desafetos, medos, sonhos e conquistas.

Na capa, em primeiro plano, percebe-se um ambiente tipicamente ribeirinho⁴: uma casa de madeira com uma passarela que leva à beira do rio, popularmente conhecida como ponte; em cima desta há uma pessoa em pé, aparentemente, esboçando um gesto de cumprimento com uma das mãos, como se estivesse acenando para alguém; nota-se também a presença do rio rodeado de vegetação e um barco transitando. Essa paisagem retrata o município de Abaetetuba, cidade que a autora denomina em sua obra de Vila formosa "[...] como se fosse a capital de todo aquele emaranhado de rios e igarapés que cortavam e se trançavam na região [...]" (Serrat, 2012, p. 40).

Entretanto, a capa do livro evidencia também uma outra paisagem que se difere da descrita anteriormente. No segundo plano, percebe-se a representação de grandes edifícios indicando a verticalização de uma cidade, provavelmente, Belém do Pará, local em que a autora passou parte de sua adolescência. Monte Serrat explica o que sentiu ao conhecer pela primeira vez a capital: "[...] senti medo do tumulto do trânsito [...] pareceu-me um horror [...]" (Serrat, 2012, p. 140).

Para além disso, destaca-se outro elemento que não está aparente na capa do livro, mas que pode ser um dos pontos mais significativos. Observamos que o conjunto de prédios aglomerados parecem formar um rosto no qual apenas os olhos, inclinados, estão visíveis, voltados para o ambiente ribeirinho. Sob a ótica de Ginzburg (1989), podemos compreender esses elementos implícitos como indícios e vestígios que possuem significado e podem ajudar na reconstituição do passado.

Para fortalecer essa compreensão, buscou-se identificar passagens na obra que indicassem uma possível relação entre essa percepção e sua escrita. Presumivelmente, o rosto representado na capa da obra é o da própria autora, que inclina o olhar para o ambiente ribeirinho, indicando apreço e um provável retorno às suas raízes. Essa ideia ganha fundamento a partir de um diálogo de Monte Serrat com uma médica que lhe ofereceu a oportunidade de estudar e trabalhar em Belém:

Disse-lhe que amava muito o meu meio-mato, como ela chamava a cidade de Formosa, porém que acalantava a esperança de algum dia poder sair para algum lugar onde pudesse continuar estudando, mas que depois de formada, voltaria à minha semi-selva para ajudar o meu povo [...] (Serrat, 2012, p. 138-139).

A partir desse trecho, percebe-se que Monte Serrat pretendia sair de sua cidade de origem para dar continuidade aos estudos. É notável em sua escrita o afeto pela zona ribeirinha⁵ e, ainda, o sentimento de pertencimento, principalmente quando ela utiliza as expressões "meu meio-mato" e "minha semi-selva". Embora pretendesse estudar na "cidade grande", o seu desejo era se formar e retornar à sua cidade. À luz desses indícios, compreende-se que a obra "A mãe-da-teimosia: o desejo de ser" é uma viagem que transita em diferentes realidades, demonstrando a persistência da escritora em busca dos seus objetivos acadêmicos.

6 Para concluir a análise dessa materialidade, destaca-se que a obra é composta por 69 tópicos que abordam não apenas a história de vida da autora, mas também a cultura e os costumes da população abaetetubense, com destaque para os saberes lúdicos, ambientais, religiosos e mito-poéticos, que serão detalhados posteriormente.

Um outro aspecto interessante é a forma como a autora entrelaça suas experiências de infância com fotografias de filhos e netos, além de incluir poesias e homenagens. Nessa lógica, ao mesmo tempo em que narra sua autobiografia, a autora insere, sem referência explícita no corpo do texto, fotografias de familiares que supostamente cumprem uma função estética e emocional, indicando passagens do tempo e sugerindo ligações afetivas não verbalizadas de forma clara.

Essa especificidade não se restringe apenas às fotografias, mas a própria estrutura e organização da obra sugerem ligações afetivas. A apresentação da obra, por exemplo, é realizada pela filha de Monte Serrat, Márcia de Jesus Quaresma Simão, que descreve a escritora como professora, mãe, religiosa, poetisa, amante de livros e da natureza. Essas características retratam um cuidado editorial com o legado da autora, sugerindo que sua autobiografia está imersa em um sentido afetivo e intergeracional.

A obra de Monte Serrat é uma escrita de si, que, segundo Foucault (2004), ameniza os perigos da solidão. Para o autor, quando o sujeito se isola para escrever sobre sua vida, a escrita cumpre um papel importante de vigilância, de compensação da ausência do outro, tornando a solidão um momento de diálogo com seu eu interior. Além disso, o cuidado de si envolve tanto o ato quanto o pensamento, em um trabalho sobre os modos de pensar e sentir do sujeito.

Ainda na perspectiva foucaultiana, a narrativa de si envolve a relação consigo mesmo, mas não apenas isso, “[...] trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (Foucault, 2004, p. 162).

Em sua obra autobiográfica, Serrat (2012) reconhece que fazia muitas travessuras quando criança e que os adultos costumavam atribuir maldade a suas ações como se nunca tivessem sido crianças. Em uma conversa sobre o seu eu interior, ela escreve:

[...] sempre fui de um exterior que chega a preocupar [...] porque, propositalmente, eu aprendi a desligar tanto quanto quero, o exterior do meu interior [...] em tom confidencial eu confesso que sofria muito após cada diatribe, principalmente se essas minhas diatribes causassem sofrimento a alguém (Serrat, 2014, p. 58).

7

Monte Serrat se ocupa de si mesma na obra, repensa seus atos e faz um movimento de retorno sobre si mesma na escrita, avaliando suas ações e os limites entre o exterior e o interior. Nesse exercício, a escritora forma-se e transforma-se nesse processo de autoconhecimento. Logo, sua narrativa não representa um mero desabafo, mas um trabalho de autoconhecimento.

“Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 2004, p. 156). Nos rastros autobiográficos de Monte Serrat é possível conhecer, inclusive, o seu “desejo de ser” que ultrapassa o formar-se em uma instituição escolar e resume-se “[...] à luta nas batalhas que se chama vida” (Serrat, 2012, p. 233).

Maria do Monte Serrat Carvalho Quaresma, mais conhecida como professora Monte Serrat, nasceu na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, em 17 de janeiro de 1937. Filha de Julieta dos Santos Carvalho e

Raimundo Damião de Carvalho, foi a quarta de um total de 10 filhos (Serrat, s.d). Casou-se com Benedito dos Santos Quaresma, no ano de 1966, com quem teve cinco filhos: Marluce Nazaré, Gilson, Maria de Jesus, Helder Benedito e Marco Antônio. A professora Monte Serrat faleceu em 23 de julho de 2023.

Em sua autobiografia não constam informações sobre a sua origem étnica, mas, Monte Serrat era uma mulher negra, como mostra a fotografia a seguir.

Figura 2 – Fotografia de Monte Serrat



Fonte: Acervo da pesquisa.

Essa fotografia, fornecida por seu esposo, Benedito dos Santos Quaresma, foi registrada aproximadamente um ano antes do falecimento da escritora. No registro, Monte Serrat está em sua casa, sentada no sofá da sala com as costas apoiadas em uma almofada estampada; usa um vestido lilás com listras na horizontal, óculos de armação marrom e um colar de miçangas nas cores vermelho e branco.

No ano de 2022, quando fizemos o primeiro contato com a escritora, não foi possível realizar uma entrevista devido ao seu estado de saúde, ela tinha 85 anos e, há algum tempo, enfrentava a doença de Alzheimer – condição degenerativa que causa a perda de memória e o comprometimento de outras áreas do corpo.

Considerando as circunstâncias em que se encontrava a escritora, optou-se pela análise de sua autobiografia, cuja fonte ajudou na reconstituição de sua história de vida. Propomo-nos, então, partir das reflexões da própria autora para compreender os sentidos atribuídos à sua trajetória.

Sobre sua infância, a escritora dedica um tópico de sua obra intitulado “Crianças como as outras”, no qual aborda aspectos relevantes sobre o brincar em sua época. Em um dos relatos, ela pontua: “Eu não gostava muito das bonecas, [...] gostava de pira, esconde-esconde, empinar papagaios, jogar petecas, fichas, pião, subir em árvores [...] também de jogar bola [...]” (Serrat, 2012, p. 54).

Nesse trecho, Monte Serrat não apenas revela suas preferências pessoais, mas também suscita reflexões sobre as questões de gênero, uma vez que destaca sutilmente uma divisão entre as brincadeiras “de meninos” e “de meninas”. A autora relata que apreciava as brincadeiras masculinas, o que, somado a outros comportamentos, lhe geravam censuras como bem relata no seguinte fragmento:

Que garota, gente, mais parece um machinho! Já me era comum escutar coisas assim. Como não conseguia alcançar o verdadeiro sentido de tudo o que escutava dos grandes, não dava muita importância (Serrat, 2012, p. 74).

Com base nesse relato, acredita-se que Monte Serrat tinha um comportamento fora dos padrões estabelecidos à época. Quando ela utiliza o termo “grandes” refere-se aos adultos que a criticavam e associavam o seu comportamento com ao de um menino, por isso, utilizavam, de forma pejorativa, a expressão “machinho”, desqualificando sua postura na sociedade. Na verdade, esse relato revela muito mais que uma censura individual, envolve normas de conduta que eram estabelecidas na sociedade da época.

Ostos (2016) informa que, entre as décadas de 1930 e 1940, eram comuns artigos em jornais e versinhos em revistas, discorrendo sobre as mulheres, suas qualidades e defeitos, conjecturas sobre sua capacidade intelectual e também sobre sua virtude angelical. Esses meios de comunicação emitiam opiniões diversas que inculcavam normas estéticas, ocupacionais e comportamentais. Era uma espécie de tribunal social responsável em estabelecer o que era mais conveniente para as mulheres na sociedade.

Monte Serrat não problematiza claramente essas questões de gênero em sua autobiografia, mas demonstra indignação por ter seus comportamentos constantemente censurados e reforça a importância de a criança ter direito à infância. Para Serrat (2012, 53), “[...] bom mesmo é ser eternamente criança [...]”, nesse ponto de vista, ela sugere manter viva a essência lúdica da infância.

Os relatos da escritora não se baseiam apenas na beleza do brincar, mas também informam um perfil de mulher que se queria formar: “[...] senhora alguma poderia usar saias curtas; a medida era abaixo do joelho para as mais novas e no meio das canelas [...] para as mais velhas.” (Serrat, 2012, p. 78), demonstrando a exigência social sobre o cumprimento da vestimenta das mulheres, que variava de acordo com a faixa etária. Em linhas gerais, trata-se de um padrão feminino socialmente construído, que influenciava na subjetividade feminina naquela época.

Em relação às publicações que circulavam em revistas na década de 1930, Ostos (2016) explica que as mulheres que não se enquadravam nos estereótipos de moça recatada e do lar se viam em ambientes em que predominavam discursos e práticas de diminuição social. Essa mesma lógica aparece na escrita de Monte Serrat: “[...] quando se via uma coroa vestida com uma saia nos joelhos que fosse, era taxada de colegial, o que constituía numa ofensa [...]” (Serrat, 2012, p. 78). Ou seja, havia uma clara regulação dos corpos femininos, em que as mulheres, tanto jovens quanto mais velhas, não tinham a liberdade plena sobre suas vestimentas.

A escritora também se dedica a relatar o momento em que sua infância foi afetada por dificuldades financeiras. No tópico intitulado “[...] o desejo de ser [...]”, Serrat (2012) conta que, após a morte do seu genitor,

sua mãe precisou trabalhar incansavelmente prestando serviços domésticos e vendendo açaí para conseguir sustentar a família.

De acordo com seus relatos, ela extraía o açaí manualmente, processo conhecido como “amassar” o açaí com as mãos. Monte Serrat participava de praticamente todas as etapas do trabalho, desde a compra e o transporte até a extração do líquido.

Sobre as consequências de assumir tal responsabilidade, Monte Serrat (2012, p. 89) interpreta da seguinte forma: “[...] eu era uma criança de apenas nove anos, e não tinha infância para brincar, pois já tinha sobre os ombros o pesado encargo de trabalhar duro [...] eu trabalhava como gente grande [...]”. Diante disso, pode-se afirmar que a ausência do pai dificultou a trajetória da escritora, que se viu obrigada a trabalhar para garantir o seu sustento e de toda a família.

Nesse contexto, Monte Serrat havia sido promovida para a quinta série primária e almejava continuar os estudos para se formar professora (Serrat, 2012). Tornar-se professora constituía parte de um desejo que não surgiu espontaneamente, mas teve influências familiares, especificamente, de seu pai, como bem destaca a autora: “Papai, [...] falava satisfeito que, um dia, eu haveria de ser uma professora. Essa ideia se havia se instalado e agigantado dentro de mim. Deveria ser lindo, para poder ensinar a tantos que nada sabem [...]” (Serrat, 2012, p. 88).

Nesse fragmento, Monte Serrat expressa a vontade de ensinar, um desejo movido pelo compromisso social com a educação. Entretanto, o caminho até esse objetivo não foi fácil, Monte Serrat passou um longo período afastada da escola, pois precisou trabalhar como empregada doméstica em casas de famílias abastardas. Ainda assim, prometeu para si mesma que “[...] voltaria a estudar, sairia do fogão alheio, ainda que custasse muito caro, deixaria de ser a pequena da casa dos outros, dos ricos; seria gente, gente de verdade” (Serrat, 2012, p. 126).

Para a autora “ser gente de verdade” implicava superar a condição de subordinação e invisibilidade na qual se encontrava à época. Nesse movimento de autoafirmação – no qual Monte Serrat reconhece seu próprio valor, reivindica os seus direitos e rejeita a subordinação – ela precisou sair de seu

município de origem com a esperança de dar continuidade aos estudos em Belém do Pará.

Na capital⁶, a escritora enfrentou muitos outros desafios: acreditou em falsas promessas, foi explorada física e psicologicamente e raramente pôde sentar-se em um banco escolar (Serrat, 2012). Mas, como sugere o título de sua autobiografia, a "mãe-da-teimosia" não desistiu de seus projetos. Monte Serrat retornou para o município de Abaetetuba em 1957, retomou os estudos e conseguiu concluir o curso de formação de professores no Instituto Nossa Senhora dos Anjos, em 1961.

Monte Serrat foi educadora, escritora e membro da Academia Paraense de Letras Interioranas, onde ocupava a cadeira nº 4. Suas experiências profissionais são diversas, com destaque para sua atuação docente no Instituto Nossa Senhora dos Anjos, entre março de 1958 e dezembro de 1979, nos cursos de Admissão ao Ginásio, Ginásial e Normal. Nesse período, lecionou disciplinas, como Língua Portuguesa, História Geral, História das Américas, História do Brasil e do Pará. No curso de formação de professoras normalistas, ministrou ainda Psicologia Geral, Psicologia Genética, Psicologia da Educação, Psicologia Diferencial e Psicologia das Relações Humanas (Serrat, 2012).

Atuou como professora de Psicologia e História da Educação no Colégio São Francisco Xavier, além de lecionar música e canto no Ginásio Professor Bernardino Pereira de Barros. Também foi professora de Filosofia na Faculdade Teológica do Estado do Pará e ingressou no magistério público como professora do estado, nomeada pelo Decreto nº 6349/1960. Em 1968, fundou a 3ª Divisão Regional de Educação (Serrat, 2012).

Considerando a atuação docente de Monte Serrat e sua contribuição para o campo literário, concebemos a autora como uma intelectual mediadora, que, segundo Gomes e Hansen (2016), tem a função de disseminar concepções de mundo, sociedade, educação e cultura. Monte Serrat, no seu fazer literário, inclusive na escrita de si, ocupou-se em compartilhar não apenas a sua experiência pessoal, mas também as suas concepções de mundo, infância, trabalho e educação.

A escrita "[...] de mulheres negras, por muito tempo, foi ignorada pela crítica e entendida como uma textualidade sem valor literário. As

escritoras negras e seus textos pareciam estar duas vezes fora de lugar [...]” (Souza, 2017, p. 22), tudo isso porque a literatura feminina, por si só, era historicamente marginalizada e deslegitimada. Quando se trata de escritoras negras, essa marginalização se duplica, refletindo uma concepção de literatura empobrecida, ainda atrelada a uma visão erudita, unilateral e excludente, que reproduz os interesses de uma elite dominante.

Eagleton (2006), por sua vez, apresenta uma concepção ampla e inclusiva de literatura. Para o autor, não existe uma essência da literatura, todas as obras literárias são reescritas, mesmo que de forma inconsciente, pela sociedade que as lêem. Nessa lógica, qualquer texto pode ser lido de maneira literária. A autobiografia de Monte Serrat, nesse sentido, configura-se como um verdadeiro celeiro literário de uma história de si comprometida com o desejo de ser mais – uma narrativa de formação, resistência e lutas pela autoafirmação enquanto sujeito pensante, sensível, atuante e pertencente a uma comunidade.

Experiências formativas de Maria do Monte Serrat: saberes da experiência e saberes escolares

13

A obra “A mãe-da-teimosia: o desejo de ser” apresenta vários capítulos que narram a trajetória de vida e educação de Monte Serrat, o que inclui uma busca incessante pelo acesso à educação escolar, que, por vezes, lhe foi negado, dada suas circunstâncias pessoais e socioeconômicas. Ela foi alfabetizada pela própria mãe no ambiente doméstico (Serrat, 2012).

Monte Serrat iniciou sua escolarização em casa e, desde então, já manifestava o interesse em escrever poesias. Provavelmente, a mãe da escritora tinha conhecimentos básicos de leitura e escrita, mas não tinha formação no magistério. Serrat (2012) relata que todos estudavam antes do falecimento de seu pai, Raimundo Damião de Carvalho, e ela tinha sido promovida para a quinta-série primária.

Nesse contexto, Monte Serrat estava com nove anos de idade e “[...] com o curso primário quase completo [...]” (Serrat, 2012, p. 89), mas, a falta de condições financeiras representava uma séria ameaça à continuidade de seus estudos. Outros relatos também reforçam essa mesma situação.

Serrat reproduz as palavras de sua mãe: “[...] eu não posso arcar mais com tantas despesas e seus irmãozinhos, que ainda nada sabem, precisam aprender alguma coisa, também [...]” (Serrat, 2012, p. 89), um argumento que reforça não apenas a dificuldade financeira enfrentada pela família, mas uma concepção de educação atrelada à ideia de que o conhecimento está limitado ao espaço escolar. As expressões “nada sabem” e “precisam aprender alguma coisa” reforça esse pensamento e demonstra a valorização quase exclusiva da educação escolarizada.

Brandão (1995, p. 28) afirma que “[...] tudo o que é importante para a comunidade e existe como algum tipo de saber, e como um modo de ensinar, existe também como algum modo de aprender. E a educação é isto”. Nessa lógica, a escola não é o único espaço em que é produzido o conhecimento. O sujeito aprende na rua, na floresta, no campo, na igreja e em outros lugares em que há modos de ensinar e, conseqüentemente, modos de aprender.

Monte Serrat apresenta, em sua obra autobiográfica, rastros de uma educação que não acontece apenas na escola. Os saberes da experiência presentes em sua obra, produzidos no cotidiano, são marcados por modos de ser, sentir, fazer, aprender e ensinar, carregados de subjetividades. Ao abordar o seu cotidiano, a escritora retrata como sua comunidade interpretava, por exemplo, o fenômeno das marés:

Se a maré estivesse seca, maré baixa, a água estava suja e lamacenta, perto da beira do rio [...] esperava-se a enchente, quando a água ficava fresquinha, para encher o pote de beber, a bilha dos nenês e das parturientes. Estas águas dentro das bilhas, eram ferradas antes de serem utilizadas, jogava-se um pedaço de ferro incandescente dentro da água e deixava-se esfriar, aí sim, ela estava pronta para ser bebida pelas mulheres de parto e pelas crianças verdes, que assim ficavam livres de danos à saúde (Serrat, 2012, p. 55).

De acordo com o relato, a qualidade da água dependia das marés, se estivesse seca, a água estava suja, mas, se estivesse cheia, a chamada enchente, a água estava fresca e poderia ser utilizada para encher os potes, também conhecidos como bilhas. Monte Serrat descreve ainda um saber

tradicional de matriz empírica que se refere à higienização ou purificação da água utilizando um ferro que precisava ser, primeiramente, aquecido no fogo e depois colocado em contato com a água. Esses aspectos apontam para um conjunto de saberes ambientais que são apreendidos no cotidiano.

Na compreensão de Silva e Cuimar (2016, p. 130), na sua dimensão epistêmica, “[...] os saberes ambientais podem se constituir num ‘espaço’ onde é possível circunscrever uma diversidade de formas de relação, apropriação e uso que os sujeitos locais estabelecem com a natureza”. Isso significa que os saberes ambientais nos ajudam a compreender as mais variadas formas pelas quais as comunidades vivem em contato com a natureza.

O ambiente ribeirinho, sobretudo os rios, carrega uma infinidade de saberes que constituem o imaginário social dos sujeitos amazônidas. Para Monte Serrat, o rio não era apenas um meio de transporte, mas uma fonte mitológica. Serrat (2012, p. 55) acreditava que “[...] as moças com doença do mês – a menstruação – não iam para que os botos não lhes fizessem mal e a mãe d’água não às assombrasse [...]”, o que aponta para um saber mitopoético, em que a natureza é vista como uma divindade e a figura do boto “[...] revela a moral sexual local apontando para características tolerantes e permissivas [...]” (Borges Júnior; Gonçalves; Ceccarelli, 2021, p. 83), que inocentava as moças que fossem encantadas pelo boto, tornando-as vítimas da encantaria.

Sendo assim, há uma íntima relação dos saberes ambientais com os saberes mitopoéticos. “As mitopoéticas ou poéticas do mito, vocabulário com derivações e variantes, são frequentemente utilizadas em pesquisas que envolvem a escuta do imaginário no campo das poéticas da voz [...]” (Fares; Pimentel, 2016, p. 211) e a mitologia do boto faz parte do imaginário amazônico, perpetuando-se por meio da tradição oral.

Monte Serrat (2012) também menciona os saberes do lúdicos.

Nosso quintal era muito grande e limpinho: cheio de árvores das mais variadas frutas, [...] sob as quais adorávamos brincar escondidos, formando famílias de papai, mamãe e filhos improvisados [...]. Era a miniatura de um lar de verdade [...] (Serrat, 2012, p. 107).

Quando a escritora narra essa brincadeira, percebe-se que, além de representar um perfil de família tradicional, constituída por pai, mãe e filhos, ela reproduz também a sua própria realidade. Ao afirmar que “era a miniatura de um lar de verdade”, Monte Serrat, provavelmente, reproduz suas vivências e os papéis socialmente atribuídos para cada gênero. Carvalho, Silva, Cordeiro e Santos (2016) afirmam que a criança não reproduz apenas a sua realidade por meio da brincadeira, mas reconstrói essa mesma realidade a partir de suas vivências, interações com outras crianças, com os adultos, através das histórias contadas, enfim, da leitura que ela tem do mundo e das coisas que estão à sua volta.

Em sua escrita, Serrat evidencia que não gostava de bonecas, preferia brincadeiras, como esconde-esconde, papagaios, petecas, pião e jogar bola – atividades diretamente ligadas ao ambiente natural, ao quintal e às ruas, que são espaços educativos. Monte Serrat relata, inclusive, que brincava de subir em açazeiros utilizando uma peconha⁷, prática típica da extração do açaí.

16 Esses conhecimentos são produzidos no fazer diário das comunidades, e, muitas vezes, são ignorados como formas de saber. Segundo Michel de Certeau (2014), o cotidiano é uma invenção, no qual os indivíduos constroem, dia a dia, sua própria realidade, geralmente de forma invisível. Ou seja, a realidade é uma construção histórica e cultural, na qual os saberes são vividos e constitutivos da formação do sujeito.

Considerando isso, retornamos a nossa atenção para o dilema em que se encontrava Monte Serrat diante da possibilidade de parar de estudar e nem ao menos concluir o ensino primário. Serrat reconhece a dificuldade financeira da família, porém, apresenta resistência à decisão de sua mãe e alega que precisa apenas da sua permissão para continuar estudando e que nada pediria a ela do ponto de vista financeiro. Após conseguir a autorização da mãe, Serrat narra que ganhou um ovo de uma amiga e o vendeu por quinhentos réis para comprar um lápis, uma borracha e três folhas de papel.

Monte Serrat deu continuidade aos seus estudos primários com poucos materiais, o que fez com que utilizasse a seguinte estratégia em sala de aula: “[...] copiava tudo o que a professora passava, decorava o que interessava, depois, apagava tudo, com a borracha, pois já estava tudo na minha

cabeça, e assim, no outro dia, escrever novas lições” (Serrat, 2012, p. 91). A autora utilizava a memorização para não esquecer os conteúdos ensinados.

Monte Serrat estudou o ensino primário no Grupo Escolar de Abaeté, fundado em 2 de abril de 1902⁸, no período da primeira República. Embora a escritora não apresente, em sua autobiografia, uma descrição minuciosa da rotina escolar no curso primário, é possível inferir, a partir de indícios, que ela teve uma formação pautada em princípios morais e patrióticos condizentes com o modelo de educação valorizado pela sociedade republicana a época.

Ao relatar o trajeto da escola para sua casa, Serrat (2012, p. 103) conta que “[...] as professoras, cada qual tomou o caminho de sua residência, deixando a criançada livre de qualquer vigilância. Era o grito de liberdade para cada um, o itinerário da escola para casa; uma liberdade curta”. A narrativa indica que os alunos precisavam ser disciplinados e seguir um padrão de comportamento no ambiente escolar.

Porém, a escola não era o único espaço que propagava esse modelo de educação, nos relatos de Monte Serrat, é possível perceber que esse ideário estava presente nos discursos de sua mãe, sobretudo, no que se refere ao trabalho.

Mamãe justificava dizendo que precisávamos aprender a trabalhar, porque a vida não é uma coisa só! Assim, cada qual tinha a sua semana para cada tarefa que era realizada juntamente com a titular do serviço, por exemplo, semana de cozinhar, de lavar roupa, de asseio da casa e de cuidar das crianças menores. E a gente ia sendo revezada, passando sempre por todas as tarefas rotineiramente (Serrat, 2012, p. 107).

○ fragmento demonstra que a conduta irrepreensível perpassava os ensinamentos maternos, funcionando como uma extensão da moral escolar no ambiente doméstico. ○ “aprender a trabalhar” era visto pela mãe da escritora como uma preparação para vida, respeitando os papéis socialmente impostos, a partir de uma rotina pré-estabelecida de afazeres domésticos: cozinhar, lavar roupa, limpar a casa e cuidar das crianças pequenas.

Michele Perrot (2019) considera que o trabalho doméstico é fundamental na vida de toda comunidade, mas é um peso nos ombros das mulheres, pois é uma tarefa estritamente feminina, de acordo com o padrão cristalizado na sociedade. “É um peso também na sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado de toda boa educação [...]” (Perrot, 2019, p. 114). À luz desse pensamento, compreende-se que Monte Serrat recebia uma educação para o lar, e conseqüentemente, para a maternidade.

No entanto, Monte Serrat desejava tornar-se professora e, com essa intenção, deixou o município de Abaetetuba⁹ em direção à capital paraense para trabalhar como doméstica de dia e estudar à noite. Contudo, não foi exatamente isso que aconteceu, a escritora foi enfática ao escrever: “[...] se você nunca foi empregado doméstico em casa de gente importante, jamais poderá alcançar a extensão do que isto significa em termos de pessoa humana. O doméstico era tratado como inferior” (Serrat, 2012, p. 144). De forma análoga, Perrot destaca que as empregadas domésticas,

[...] não são assalariadas como as outras. Com casa e comida, elas recebem “retribuições” que lhes são passadas irregularmente, e sujeitas a descontos caso quebrem a louça ou estraguem a roupa. Sua jornada de trabalho é quase ilimitada [...] (Perrot, 2019, p. 117).

18

As empregadas domésticas vivenciam, portanto, uma situação de dupla opressão: primeiramente, por serem mulheres e, em segundo lugar, por desempenharem a função de empregadas domésticas. Para Monte Serrat, essa opressão era ainda maior, pois ela era negra, além de ser mulher e empregada doméstica. Essa questão racial está presente nas narrativas da escritora, evidenciada, por exemplo, em um episódio vivido enquanto exercia a função de doméstica, quando ouviu de um dos patrões: “Você sabia que é muito bonita, não obstante ser escurinha? [...] você sendo da minha casa será minha também [...]” (Serrat, 2012, p. 164). Nesse contexto, o trabalho doméstico também a expôs a situações de assédio sexual.

Depois de aproximadamente cinco anos em Belém, Monte Serrat conseguiu permissão para estudar com a ajuda de um líder religioso protestante. Realizou a prova de admissão em 1954 no Ginásio Pátria e Cultura, e escreve sobre o tipo de seleção.

Nessa época era uma verdadeira guerra por vagas. Não desanimei, matriculei-me e muito emocionada fui às provas. Fazia já quatro anos que não pegava em livros desde que concluir a 5ª série do curso primário [...] (Serrat, 2012, p. 154).

○ fragmento revela uma perspectiva meritocrática de avaliação que vigorava no século XX. Para alcançarem o ensino secundário, os alunos precisavam realizar esse exame, que, segundo Gama e Almeida (2018), reforçava a exclusão social, impossibilitando a continuidade dos estudos de muitos alunos. Em sua autobiografia, Serrat (2012) registra que conseguiu aprovação ao ginásio em 2º lugar e que estudaria à noite das 18h45 às 22h45.

Monte Serrat, estudou em Belém até a 3ª série do Curso Ginásial (Serrat, 2012). Na quarta série do ginásio, em 1957, cancelou a sua matrícula e retornou para o município de Abaetetuba, pois recebeu o diagnóstico de “esgotamento geral, físico e psíquico” (Serrat, 2012, p. 182), provavelmente, devido à sobrecarga de trabalho doméstico e estudo.

○ trabalho doméstico interferiu também na orientação religiosa de Monte Serrat, pois se tornou evangélica na casa de uma família protestante. No fragmento a seguir, a escritora retrata a sua relação com a bíblia.

A bíblia é quase decorada por qualquer crente. Por mim também. Cheguei a decorar muitos salmos, capítulos inteiros de evangelhos e versículos vários espalhados por todos os livros do novo testamento. Sabia qual o maior e menor livro, o maior e o menor capítulo, o maior e o menor versículo. [...] Só que cada qual lê, decora, mas dá a sua própria interpretação, é o que lhe vem na cabeça, e este é um dos principais motivos do protestantismo contar já com mais de 300 seitas diferentes [...] (Serrat, 2012, p. 180).

Esse é um dos muitos relatos em que Monte Serrat aborda a sua relação com o sagrado. Nessa experiência, a escritora descreve que aprendia a bíblia por meio da memorização – de salmos, capítulos, versículos – e procura explicar que as múltiplas interpretações do texto bíblico contribuíram para o crescimento da religião protestante na época, evidenciando uma dada realidade sócio-histórico-cultural.

A experiência de escritora na religião cristã – sua crença e a prática de memorização de passagens bíblicas – evidencia a presença de saberes religiosos em sua formação. Albuquerque, Bezerra, Santos e Sá (2016) definem os saberes religiosos como conhecimentos e experiências que homens e mulheres estabelecem com as coisas que culturalmente consideram sagradas, a partir da relação estabelecida com Deus, anjos, santos, entidades, padres, pastores, com objetos, com a natureza, animais, plantas, dentre outros agentes.

Esses saberes também se manifestam na relação de Monte Serrat com a natureza – os rios, a mata, os igarapés – como evidenciam os seguintes trechos: “É tão encantadora a maré nas suas fases e matizes que chega a influir na alma do caboclo que tem por ela particular interesse [...]” (Serrat, 2012, p. 56). Destaca que desde criança sempre teve adoração “[...] pela natureza, no campo, na mata, nas flores, nos rios, nas ondas, no canto dos passarinhos [...]” (Serrat, 2012, p. 58). Esses fragmentos revelam uma relação sensível da escritora com o mundo natural, compreendendo-o não apenas como paisagem, mas como uma entidade dotada de força espiritual.

20 Quando retornou ao município de Abaetetuba, em 1957, Monte Serrat pôde vivenciar outras experiências com o sagrado. Começou a dar aulas particulares e conheceu as irmãs missionárias capuchinhas, que administravam o Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA), fundado em 3 de março de 1953 pelas próprias religiosas. A escritora relata que o encontro com as capuchinhas influenciou sua opção religiosa: “[...] eram irmãs de caridade e, sabendo-me protestante, com muita cautela, começaram o trabalho da conquista: primeiro cativando-me e ganhando a minha afeição e depois dando-me, sem que eu pedisse a orientação de que eu precisava [...]” (Serrat, 2012, p. 202).

Nesse contexto, as missionárias convidaram Monte Serrat a se converter ao catolicismo, mas, não apenas isso, a escritora relata que: “Madre Teresa facilitou-me tudo, inclusive, conseguindo uma bolsa de estudos, pois o colégio era particular e eu não poderia pagar [...]” (Serrat, 2012, p. 206). Em dezembro de 1957, Monte Serrat concluiu o último ano do curso ginásial no Instituto Nossa Senhora dos Anjos e, ao que tudo indica, recebeu uma educação religiosa nos moldes do catolicismo, uma vez que a instituição tinha “[...]”

uma proposta de educação dentro do Carisma Missionário Capuchinho” (INSA, 2003, p. 5).

Segundo o estatuto do Instituto Nossa Senhora dos Anjos (1968), a instituição valorizava o ensino em todos os graus e a orientação profissional de acordo com as leis e normas estabelecidas pela legislação vigente e com os princípios da educação cristã, oferecendo amparo aos jovens e assistência aos pobres e necessitados. Caracterizava-se como uma instituição religiosa e assistencialista.

Em 1959, Monte Serrat ingressou no Curso de Formação de Professores Primários, no INSA, integrando uma turma composta por sete normalistas. Na época, o curso normal era ofertado no turno matutino, dividido em três séries. Dessa forma, Serrat cursou o programa entre os anos de 1959 e 1961.

Na autobiografia de Monte Serrat, não há informações detalhadas sobre o seu cotidiano na escola normal, mas localizamos as disciplinas que eram ministradas no seu diploma de conclusão de curso: Português, Matemática, Física e Química; Anatomia e Fisiologia humana; Música e Canto; Desenho; Artes Aplicadas; História, Geografia, Biologia Educacional, Psicologia Educacional; Higiene e Educação Sanitária e Metodologia do Ensino Primário; Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação e Puericultura.

Todas as disciplinas mencionadas faziam parte do currículo de formação das professoras primárias, considerando que, as disciplinas de Psicologia, Higiene e Puericultura, segundo Louro (2004), contribuíam desde o século XIX não apenas para a formação da professora moderna, mas também para instruir as moças para o casamento e a maternidade. Serrat (2012) iniciou sua carreira docente antes mesmo de concluir o curso normal, já reconhecida como professora por toda a comunidade abacetubense.

Considerações finais

A análise das narrativas de Monte Serrat permite compreender como a formação de uma mulher negra e pobre emerge de experiências que, embora muitas vezes silenciosas ou invisibilizadas, deixam rastros que

possibilitam reconstruir seu percurso. Esses fragmentos de memórias do cotidiano – saberes ambientais, religiosos, lúdicos e mitopoéticos – apresentam-se como indícios que, analisados sob a perspectiva de Ginzburg (1989), permitiram reconstituir sua trajetória de vida e formação educacional.

Nesse sentido, as narrativas de Maria do Monte Serrat são marcadas pelo cotidiano que, como ressalta Certeau (2014), se configura como uma invenção contínua, construída por práticas discretas, táticas de sobrevivência e modos próprios de interpretar o mundo. A escritora transforma suas vivências em narrativas que reconstróem a realidade, evidenciando que a formação não se restringe à escola, mas se produz nos pequenos gestos, nas crenças, nos costumes e nas brincadeiras.

Ao mesmo tempo, a escrita de si, como destaca Foucault (2004), permite um exercício por meio do qual a autora não apenas registra sua história, mas se constitui enquanto sujeito. Ao narrar seu percurso, Monte Serrat reelabora sua própria existência, selecionando, organizando e atribuindo sentido aos acontecimentos que marcaram sua formação como mulher, professora e agente cultural.

22 Por fim, as experiências narradas pela autora inscrevem-se no campo da história da educação das mulheres, especialmente daquelas cujas vidas foram atravessadas pelo trabalho doméstico, pelas expectativas de gênero e pela educação moral e religiosa que moldava o papel feminino como assevera Perrot (2019). A formação de Monte Serrat expressa tanto o peso das prescrições sociais, voltadas ao matrimônio e à maternidade, quanto as formas de resistência que lhe permitiram projetar-se para além desse perfil, que vinculava a mulher à docência e, conseqüentemente, lhe conferia uma relativa independência.

Este estudo evidencia, portanto, que compreender trajetórias como a de Monte Serrat requer um olhar atento às marcas sutis do vivido, às invenções do dia a dia, às escritas de si e ao lugar que as mulheres ocupam na história. Dessa forma, a trajetória analisada não apenas aponta a singularidade de um percurso feminino no século XX, mas também reafirma a potência do cotidiano como espaço de formação e reexistência.

Notas

1. O artigo é resultante do Projeto de Pesquisa "Mulheres e educação: entre o prescrito, o escrito e o vivido" financiado por meio do Edital Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 44/2024 – Universal.
2. A primeira edição data de 1988, porém não foi possível encontrar informações adicionais da editora e local de publicação.
3. Não consta o nome da editora na obra.
4. É um espaço geográfico situado às margens dos rios, caracterizado por vegetação abundante, ecossistemas fluviais (várzeas, igarapés, matas ciliares) e modos de vida tradicionais.
5. A Zona Ribeirinha é um termo utilizado para descrever áreas ao longo das margens de rios, lagos ou oceanos, que são caracterizadas por sua proximidade com a água e sua importância para o ecossistema local. Informação disponível em: <https://destinotop.com/glossario/o-que-e-zona-ribeirinha/?amp=1>. Acesso em: 12 set. 2025.
6. A escritora não diz o ano em que foi trabalhar em Belém, apenas relata que tinha mais de 10 anos.
7. É um instrumento feito de cipó, sacas, cordas ou borracha, tradicionalmente utilizado na região amazônica para subir em açazeiros, amarrado aos pés do coletor para dar sustentabilidade.
8. Informação disponível no site oficial da escola Basílio de Carvalho.
9. Não consta em sua obra o ano que ela saiu do município de Abaetetuba.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BEZERRA, Vanja da Cunha; SANTOS, Cristiane do Socorro dos; SÁ, Talita Rodrigues de. Saberes religiosos na Ilha de Colares. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; GONÇALVES, Ricardo César; CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e mitologia na encantaria amazônica da lenda do boto: um ensaio psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 55. p. 79-90, jan./jun. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100008. Acesso em: 16 out. 2025.

CARVALHO, Nazaré Cristina; SILVA, Claudete Quaresma da; CORDEIRO, Albert Alan de Sousa; SANTOS, Izabel Conceição Costa dos. O brincar na Ilha de Colares. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 22. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARES, Josebel Akel; PIMENTEL, Danieli dos Santos. Imagens da mitopoética de Colares. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**: ditos & escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GAMA, Marta Maria; ALMEIDA, Laura Isabel Marques de. Os exames de admissão da década de 1931 a 1971. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO PROVAS E EXAMES E A ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 16., 2018, Roraima. **Anais** [...]. Roraima: Universidade Federal de Roraima, 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

GRUPO ESCOLAR DE ABAETÉ. **Histórico da escola**. Disponível em: <http://escolabasiliodecarvalho.blogspot.com/2010/07/teste.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

INSTITUTO NOSSA SENHORA DOS ANJOS (INSA). **Estatuto do Instituto "Nossa Senhora dos Anjos"**. Abaetetuba: Instituto Nossa Senhora dos Anjos, 1968. (Documento impresso).

INSTITUTO NOSSA SENHORA DOS ANJOS (INSA). **Revista de 50 anos do INSA**: uma história em revista. Abaetetuba: INSA, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ORSO, Paulino. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, maio, p. 228-238, 2012.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 39, p. 313-343, 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. Tradução Angela Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

SERRAT, Maria do Monte. **Uma luz na Amazônia**, [s.d].

SERRAT, Maria do Monte. **A mãe-da-teimosia**: o desejo de ser. 2. ed. Belém: Ione Sena, 2012.

SILVA, Maria das Graças da; CUIMAR, Raimunda Martins. Saberes ambientais locais: narrativas de Colares. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: EDUEPA, 2016.

SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 20, 2017.

Ms. Joelma da Silva Trindade
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará (Brasil)
Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3073-5858>
E-mail: trindadejoelma21@gmail.com

25

Prof.ª Dr.ª Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França
Universidade do Estado do Pará (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6974-2606>
E-mail: socorroavelino@hotmail.com

Recebido 28 out. 2025
Aceito em 25 nov. 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.